



A FIGURA PATERNA NA FAMÍLIA EM RELAÇÃO A DEUTERONÔMIO 6.4-9

Haidi Wehrmann Reinar¹

RESUMO

Este artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre a figura paterna na família. Num primeiro momento, analisou-se se há realmente uma ausência do pai na família, as razões dessa ausência e as consequências causadas nos filhos. A partir disso, então, num segundo momento, foi analisado exegeticamente o texto de Deuteronômio 6.4-9, no qual encontramos o mandamento de amar a Deus acima de todas as coisas e a orientação de ensinar os filhos a amar e obedecer a Deus. O texto mostra que o aprendizado religioso começa no lar, com os pais. No entanto, para que isso possa acontecer, o pai precisa se fazer mais presente na vida familiar e dos filhos, pois a educação dos filhos não é apenas responsabilidade da mãe. E num terceiro momento, analisamos a realidade atual que, na maioria dos casos, não permite um conviver tão intenso com o pai e, muitas vezes, nem com a mãe. Entretanto, queremos destacar a importância do texto de Dt 6.4-9 para nós hoje, e aprender algumas diretrizes de educação religiosa. Com isso, então, levantamos algumas propostas para que o pai possa se fazer mais presente na vida e educação dos filhos.

Palavras-chave: pai; família; Deuteronômio; educação; educação religiosa no lar; amar a Deus.

¹ Haidi Wehrmann Reinar é bacharela em teologia pela FLT – Faculdade Luterana de Teologia e atua como Missionária da MEUC – Missão Evangélica União Cristã, movimento missionário atuante na IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em Pomerode/SC. O presente artigo representa a versão levemente modificada de seu TCC – Trabalho de Conclusão do Curso de bacharelado em teologia.

ABSTRACT

This article is about a bibliographic research on the father figure in the family. We have analyzed if there are a truly absence of the father in the family, the reasons of that, and the consequences for the children. In the second part, we have exegetically analyzed the text of Deuteronomy 6.4-9, where there is the commandment to love God beyond all other things, and a teaching about teaching the children to love and obey God, it means that the religious teach starts at home with the parents. But, to make it real, the father should be present in the life of his family and children, because the education of the children it is not responsibility of the mother alone. In the third part, we have analyzed the actual reality, where the majority of cases do not allow a deeper relationship with the father, and much times even with the mother. We want to highlight the importance of the text we analyzed to our time, and we want to learn some guidelines of the religious education. Therefore we have appointed some propositions that make possible to father to become more present in the life and education of his children.

Keywords: father, family, Deuteronomy, religious education at home, to love God.

I. INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo apresentar e esclarecer a importância da figura paterna na família.

Primeiramente, iremos pesquisar e verificar se o pai está sendo ausente na família e na educação dos filhos, analisando os fatores dessa ausência, bem como as consequências causadas nos filhos, e apontar para a relevância da presença paterna. No segundo momento, faremos uma análise exegética do texto de Dt 6.4-9. Esse texto se refere ao pai ensinar seus filhos a amar a Deus, e dá aportes de como esse ensino poderá ser realizado. Com isso, pretendemos apresentar uma proposta de ensino e educação paterna a partir do texto de Dt 6.4-9.

Ser pai, ou ser mãe² tem se tornado cada vez mais difícil na sociedade moderna atual. A vida moderna, o ritmo do trabalho e das famílias tem mudado. Até algum tempo atrás, os pais estavam bem mais presentes na vida dos filhos, pois na família rural, os filhos ajudavam nos afazeres domésticos necessários. Ou, em outros casos, os filhos aprendiam a profissão do pai e, com isso, a convivência com o pai era bem maior.

No entanto, as coisas foram mudando, a revolução industrial levou os pais às fábricas, e a convivência com o pai se tornou bastante restrita. Com a revolução feminista, as mulheres saíram para trabalhar também, diminuindo ainda mais a presença dos pais em casa. Com isso, os homens entraram em certa crise, pois eles não sabiam mais qual era seu papel dentro da família.

Aqui consideramos a família ainda no seu modelo tradicional, isto é, pai, mãe e filhos como nosso público alvo. Contudo, estamos cientes de que, nos dias atuais, há uma mudança significativa na estrutura da família, pois muitas mães precisam desempenhar os dois papéis, assim também como, em alguns casos, o pai precisa fazer o mesmo. Devido aos fatores tempo e espaço, não iremos abordar esses casos, mas sabemos que também se faz necessário refletir a esse respeito e, na medida do possível, dar suporte a essas famílias.

2 Referimo-nos ao pai e à mãe, pelo fato de que não podemos dar mais importância a um papel do que ao outro. Sabemos que a mulher, em muitos casos, trabalha fora e também está muito ausente, mas ainda é mais presente do que o pai. E o que não queremos aqui é enfatizar somente o papel do pai, deixando de fora o papel da mãe, fazendo assim uma separação e colocando escalas de importância em um dos dois papéis. Mas, sem dúvida, o trabalho irá se ater mais ao papel masculino por ser este o nosso objetivo. Portanto, quando no trabalho nos referimos a pais, estaremos falando de pai e mãe, justamente por considerarmos de suma importância a educação e ensino dos filhos por ambas as partes, e quando nos referimos a pai, é o papel masculino, sendo nossa intenção a de resgatar a importância de o pai se fazer presente na vida familiar.

Todavia, sabemos que o trabalho também não irá responder a todas as perguntas e questionamentos com relação à eficácia da educação religiosa dentro do lar, pois sabemos que há exceções à regra. Muitos pais cristãos que educam seus filhos nos caminhos do Senhor, às vezes, têm a decepção de que estes, quando adultos, abandonam a fé. Assim como também há pais que não são cristãos, e seus filhos conhecem o Evangelho e se tornam cristãos. E ainda há casos em que os filhos levam os pais à fé. Portanto, o que tratamos aqui é apenas um aspecto que consideramos importante com relação à educação de filhos, ou seja, que o pai como líder espiritual do lar ensine a seus filhos o amor e a obediência a Deus.

II. A SITUAÇÃO DA FAMÍLIA BRASILEIRA

Em uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Síntese de Indicadores Sociais em 2006 revela mudanças na família brasileira entre os anos de 1995 e 2005. Essa pesquisa apresenta dados interessantes a respeito da família brasileira.

Nesses 10 anos, a chefia por mulheres na família aumentou cerca de 35% (de 22,9% em 1995, para 30,6% em 2005).³ Sendo que um dos estados que apresenta maior crescimento dessa taxa é Santa Catarina (64,1%). A proporção de famílias chefiadas por mulheres, nas quais o cônjuge está presente, também é bastante reveladora. Em 1995, esse número era de 3,5%; já em 2005, cresce para 18,5%.

³ Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774>. Acesso em: 8/8/2009.

No entanto, o indicador aponta também para um aumento da chefia “compartilhada”, que significa uma responsabilidade maior do casal com a família. Há um aumento também nas famílias chefiadas por mulheres com filhos, cujo cônjuge não está presente; esse número passou de 17,4% em 1995 para 20,1% em 2005.

Essa pesquisa é a mais recente encontrada, portanto, é provável que esses números estejam ultrapassados, porém, já são bastante reveladores.

Na edição do Fantástico de 08 de agosto de 2008, a repórter e jornalista, Renata Ciribelli, apresenta as diversas formas de famílias existentes hoje em dia. Diz que a família tradicional, composta por pai, mãe e filhos ainda é a maioria, mas “isso está mudando e rápido”,⁴ e ela apresenta vários exemplos de famílias que já mudaram. Por exemplo, uma família inteira, no Rio de Janeiro, composta apenas por mulheres, sendo a quarta geração em que as mães criam seus filhos sem a presença do pai. Por outro lado, existem lares compostos apenas de pai e filho, estes somam cerca de 1,2 milhões. No entanto, famílias compostas somente por mães e filhos somam 10 milhões, ou seja, 10 vezes mais que as compostas apenas por pai. E a repórter ainda apresenta a família homossexual, o primeiro “casal de homens” que adotou uma filha no Brasil. Essa menina, assim que veio à casa do casal homossexual, chegou à conclusão que teria dois pais, e não um pai e uma mãe. Isso nos leva a perguntar sobre como será a imagem de pai e mãe que essa criança terá. Será que, pelo fato de ela ter *dois pais*, terá uma imagem correta e adequada sobre o masculino e o feminino? Sem falar na sua imagem pessoal como menina e mulher. Além disso, perguntamos como será seu ensino ou

4 Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL735317-15605,00.html>>. Acesso em: 8/8/2009.

sua educação religiosa, se houver. Pois, sem dúvida, essa forma de família está crescendo cada vez mais em nosso país.⁵

Observando essas mudanças, perguntamo-nos sobre o porquê desse distanciamento dos homens e pais das suas famílias. Por que homens têm se ausentado cada vez mais do seu papel dentro da família?

Para que possamos entender essas mudanças e a ausência masculina, apesar de uma forma de certo modo restrita, precisamos voltar-nos um pouco à história.

1. O patriarcado

Desde a colonização do Brasil, a família aprendeu e adotou o modelo patriarcal de família, vindo da Europa, mais especificamente de Portugal. Nesse modelo, o pai era o chefe da casa, da fazenda, da economia, dos escravos, da esposa e dos filhos. Todos estavam sob seu domínio. Essa é uma clássica descrição de Freyre, na obra “Casa Grande e Senzala”.⁶

Essas famílias normalmente eram numerosas, ou chamadas também de famílias extensas, da qual tios, sobrinhos, afilhados, noras, genros e netos, entre outros, faziam parte. O patriarca, grande fazendeiro, por causa da sua posse econômica, influenciava toda uma região, que era praticamente dominada e governada por ele. A chamada periferia, composta pelas pessoas que moravam na vila e,

5 Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL735317-15605,00.html>>. Acesso em: 8/8/2009.

6 Apud D’ELIA, Tatiana Charpinel Pereira. *Mulher, maternidade e trabalho: dilemas contemporâneos*, p. 14. Disponível em: <http://www2.dbd.pucrio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0710435_09_Indice.html>. Acesso em: 9/8/2009.

normalmente, trabalhavam de alguma forma para o senhor feudal, estava sob o domínio deste também, e quanto maior a periferia, maior era o seu poder.⁷

Os papéis sexuais eram bem definidos. O marido e pai, patriarca, era a autoridade máxima e provedor do sustento da família. A mulher ficava restrita ao ambiente doméstico, e era responsável pelo marido e filhos, além dos escravos. Era responsável pelo gerenciamento da casa e exercia inúmeras funções como: médica, sacerdote, enfermeira e professora. Também organizava as festividades da família e a manutenção das alianças familiares. Essas funções lhe davam certo status diante da submissão à autoridade do marido – patriarca. Os relacionamentos íntimos e emocionais eram restritos, e o pai estava ali para ser obedecido.⁸

No entanto, o Brasil foi constituído por uma grande variedade de instituições familiares. A família extensa, como vista até aqui, foi mais encontrada nas áreas rurais, mas, com o passar do tempo, as terras começaram a ser divididas entre os irmãos, tornando-se menores; conseqüentemente, não havia mais necessidade de tantas pessoas para trabalhar. Além disso, alguns abandonavam o trabalho rural, mudando-se para as cidades, que estavam se urbanizando cada vez mais. Com isso, acontece certo enfraquecimento do patriarcado no Brasil. E a família começa a ser enfocada de modo diferente. A mulher foi valorizada, mas primeiramente em seu ambiente doméstico, principalmente no cuidado com os filhos.⁹

7 Id., *Ibid.*, p. 14-27.

8 *Ibid.*

9 *Ibid.*

2. Transição do patriarcado para a família moderna

Com o enfraquecimento do patriarcado e a valorização da mulher, como referido acima, tem-se, conseqüentemente, uma valorização da criança, e surge um ideal de relações mais íntimas entre pais e filhos. A mulher fica responsável pela educação e cuidado dos filhos, o que antes era exercido pelas amas e escravas, e há uma preocupação com a educação feminina também. Ocorre uma mudança nos papéis de gênero: os homens ficam responsáveis pela esfera pública, e as mulheres pela esfera privada. Começa-se a pensar em complementaridade. Os filhos passam a ocupar o papel central na família, preocupada com seu bem-estar. E a mulher tinha sobre si essa responsabilidade enquanto o pai estava ausente de casa para trabalhar em fábricas ou indústrias. Contudo, ele continuava sendo a autoridade máxima dentro da família e provedor de sustento. Surge então o conceito de família nuclear, composta por pai, mãe e filhos.¹⁰

Entretanto, nas vilas e pequenas cidades, havia os pequenos empresários e artesãos. Essas *pequenas empresas*, normalmente, ficavam junto à residência, portanto, havia também uma maior convivência entre pais e filhos. E quando os filhos ficavam maiores, aprendiam com os pais a profissão, por exemplo, sapateiro, carpinteiro, entre outros. Até mesmo entre os pequenos agricultores, que também trabalhavam em família, os filhos aprendiam com os pais o manuseio e as técnicas da agricultura. Isso se dava mais especificamente com os filhos homens; as filhas normalmente aprendiam os afazeres domésticos e outras coisas mais específicas *para mulheres*, com as mães.

¹⁰ Ibid.

Com isso, podemos perceber que havia, pelo menos, um convívio mais estreito entre pais e filhos. Isso ainda não quer dizer que era um relacionamento e um convívio *correto* e saudável. O pai ainda era um *pequeno patriarca* e autoridade máxima da família, e nem sempre havia diálogo aberto entre os membros da família e um convívio ameno, pois a palavra final ainda permanecia com o pai, e ninguém poderia ir contra sua vontade ou sua palavra.

No entanto, com o movimento feminista, ocorre a inserção da mulher no mercado de trabalho, e assim o patriarcado, que já estava em decadência, perde seu poder. Além disso, o Estado moderno começa a esvaziar o poder do pai sobre a mulher e os filhos, criando instituições como escolas, juizado de menores, entre outros, que começam a substituir gradativamente o papel paterno.¹¹

As mulheres começam a conquistar espaços na sociedade e empregos que anteriormente só eram ocupados por homens. Os salários começam a se igualar e isso tudo causa certa fragilidade e conflitos de identidade nos homens, desembocando na chamada *crise do masculino*.¹²

Kirsch¹³ aponta para diversos fatores que causam no homem esse conflito, sejam fatores psicossociais, uma angústia latente, educação dos meninos, a questão de que homem não chora e, até mesmo, fatores biológicos. Isso tudo, certamente, causa tensão e conflitos sobre a própria masculinidade, e desemboca na ausência masculina e paterna na família, mesmo que isso seja inconsciente e

11SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga Schmiedt. *Imagens da família*. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 27.

12 Id., *Ibid.*, p. 28-32

13 KIRSCH, Dieter. *Crise do masculino: análise e perspectivas de solução*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em aconselhamento e psicologia familiar. Aconselhamento familiar). Instituto Ecumênico de pós-graduação em Teologia, São Leopoldo, 2002, 45 p.

completamente sem pretensão de ser feito.

É possível observar que, durante o período do patriarcado, havia certa ausência paterna e materna, pois os filhos ficavam mais sob a responsabilidade das amas e escravas. Entretanto, com a valorização da criança, a mãe toma sobre si a responsabilidade da educação dos filhos, pois o pai estava ausente, trabalhando em fábricas e indústrias. Já com a revolução feminista, as mulheres também saem de casa para trabalhar, e voltamos ao modelo do período patriarcal, os filhos são entregues ao cuidado de terceiros, e a ausência é tanto materna quanto paterna.

3. Ausência dos pais

Bronfenbrenner¹⁴ realizou uma pesquisa procurando determinar o tempo que os pais passam em contato com os filhos. O resultado é alarmante: são cerca de 37 segundos de diálogo, numa média de 2,7 contatos diários de 10 a 15 minutos.

Se notarmos bem, esses são dados de mais de 20 anos atrás. Portanto, como será que anda o contato entre pais e filhos hoje em dia? Sabemos que, na maioria das famílias brasileiras, o casal precisa trabalhar fora de casa, pela falta de recursos financeiros, não sendo possível sustentar uma família somente com uma pessoa trabalhando. Em outros casos ainda, a realização profissional está em jogo, e nenhum dos dois quer deixar de ser bem-sucedido profissionalmente. Consequentemente, em ambos os casos, os filhos é que saem prejudicados, em virtude da ausência dos pais durante a maior parte do seu dia.

14 Apud MORLEY, Patrick M. *O Homem de Hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 1992, p. 122.

McDowell¹⁵ afirma que os pais são fundamentais na formação da personalidade, na autoimagem saudável e no processo de amadurecimento de um ser humano, que atravessa vários estágios de dependência. Esse processo inclui desenvolvimento físico, espiritual e emocional.¹⁶ Os pais é que transferem para os filhos a autoimagem, é com eles que aprendemos quem somos, e a partir das atitudes dos pais é que os filhos percebem os sentimentos a seu respeito. A partir de experiências diárias da infância é que a autoimagem é formada.¹⁷

Além disso, o autor afirma que o próprio Deus determinou pai e mãe no processo de desenvolvimento de uma criança, e que esta precisa da influência de ambos os pais durante todo o seu desenvolvimento, e ainda destaca que uma boa autoimagem provém da qualidade de relacionamentos que temos com as pessoas que desempenham papéis significativos em nossas vidas.¹⁸

Podemos ressaltar, portanto, que o papel dos pais é de suma importância. Pergunta-se, então, se é possível que todo esse desenvolvimento, este modelo que os pais precisam ser para os filhos, pode ser realizado em tão pouco tempo que os pais passam com os filhos.

A justificativa mais comum dos pais normalmente é que não importa tanto a quantidade de tempo que passam com os filhos, mas sim a qualidade desse tempo. Quanto a isso, porém, Morley se reporta a um artigo da revista *Fortune*, sob o título “A Sociedade do Dinheiro” que diz o seguinte:

Os psicanalistas notam que muitos viciados em dinheiro são filhos de pais

15 Cf. McDOWELL, Josh. *Construindo uma nova imagem pessoal*. São Paulo: Candeia, 1986.

16 Ibid., p. 65.

17 Ibid., p. 66-67.

18 Ibid., p. 77.

demasiadamente preocupados, sobrecarregados de trabalho ou retraídos para reagir com os ohs e ahs apropriados aos sorrisos e gracinhas dos nenês. Os filhos, conseqüentemente, nunca cessam de procurar obter o aplauso negado e a reação de agrado, e o dinheiro os ajuda a obtê-los – chegando mesmo a tomar o seu lugar. [...] Mas [...] o ‘bolo’ está sempre crescendo porque a necessidade nunca é satisfeita. A criança deseja uma reação humana. Algumas dessas pessoas [...] acabam [...] reclamando que sua vida não tem propósito.¹⁹

Os sistemas de valores são influenciados por pais, professores, pastores, televisão, entre outros. Se esses não estiverem de acordo com os valores que os pais querem passar para os filhos, algo precisa ser mudado. Horas em frente à televisão contra 37 segundos de conversa com os pais, é algo que precisa ser refletido. Quanto mais cedo os filhos forem influenciados com valores bons, melhor será, pois quando eles entrarem na adolescência, seus amigos serão uma influência bem maior. Ajudá-los em saber escolher os amigos é uma grande contribuição para a estabilidade de suas crenças e valores. Se os pais não fizerem um esforço para passar esses valores, os filhos farão as escolhas por si mesmos, e essas escolhas podem não ser as melhores. Pais devem a seus filhos a proteção, da mesma forma que Deus, o Pai, proporciona proteção a cada um de seus filhos.²⁰

No entanto, apesar de realmente haver uma ausência grande de ambos os pais, e essa está se tornando cada vez maior, é possível perceber que a mulher ainda está um pouco mais presente na vida dos filhos do que o pai. Até porque a mulher ainda é a maior responsável pelo serviço doméstico, além do seu trabalho fora de casa, e nisso está incluso o cuidado para com os filhos, muitas vezes, verificação de tarefas, sejam da escola ou pequenas tarefas dentro

19 MORLEY, Patrick M. *O Homem de Hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 1992, p. 114.

20 *Ibid.*, p. 116-117.

de casa atribuídas aos filhos conforme suas possibilidades, o levar as crianças para a cama, ajudar a tomar banho, se necessário, entre outras coisas. O pai, porém, muitas vezes se esquivava dessa tarefa, o que aumenta ainda mais sua ausência na vida dos filhos e da família; apesar de estar presente em casa, poderíamos isso chamar de uma *presença ausente*.

4. Ausência do pai

O psicólogo Sternbach²¹ descobriu, em uma pesquisa informal com 71 pacientes, que praticamente um quarto teve pais fisicamente ausentes, 40% tiveram pais que estavam psicológica e emocionalmente ausentes, e outros 15% consideravam seus pais assustadores ou perigosos. Em outra pesquisa, sobre a sexualidade masculina, a socióloga Hite,²² descobriu que, dentre os 7 mil homens que participaram da pesquisa, praticamente nenhum deles poderia dizer que foi próximo do seu pai. Esses homens, que agora são pais, experimentam um anseio não correspondido, que o psiquiatra Herzog²³ define como “fome de pai”. E justamente essa falta que tiveram faz com que não saibam lidar com situações relacionadas aos próprios filhos, não “sabem” ser pai. Apesar disso, a maioria deles expressa um desejo genuíno de serem pais melhores para seus filhos do que seus pais o foram.

Quanto a isso, porém, podemos perguntar: de que maneira isso se concretiza? Proporcionando condições financeiras que possam comprar tudo para seus filhos, ou então colocá-los em inúmeros

21 Apud POLLACK, William. *Meninos de verdade: conflitos e desafios na educação de filhos homens*. 2. ed. São Paulo: Alegro, 1999, p. 154.

22 Apud Id. *Ibid.*, p. 154.

23 Apud Id. *Ibid.*, p. 154.

cursos e aulas extras, ou procurar passar tempo com os filhos, dando o afeto e estímulo necessários, relacionando-se melhor com eles?

Atualmente existem muitos casais em que ambos são responsáveis pela educação dos filhos, mas muitos outros ainda vivem na velha divisão de papéis, em que o pai trabalha para sustentar a família, e por isso não precisa participar da educação dos filhos, sendo a mãe a responsável pela educação, mesmo trabalhando fora também.²⁴

Essa divisão talvez ocorra porque a mãe começa a ser mãe já durante a gravidez; o pai, por sua vez, observa tudo de fora. Isso pode ser mudado se o pai começar a se envolver com a paternidade já durante a gravidez da mulher, não somente nos cuidados com ela, mas também no acompanhar, no organizar o quarto do filho, na compra de roupas e essas coisas, que a maioria dos homens pensa ser “... coisa de mulher!”.²⁵

Kirsch²⁶ também destaca o fato de o homem apenas observar do “lado de fora” o desenvolvimento de seu filho, pois quem sente tudo é a mulher. Isso pode causar uma sensação de “o homem supérfluo”, de acordo com Trobisch.²⁷ E já ali pode se instalar, no âmago do homem, uma sensação de inutilidade. Isso ainda pode se agravar quando ele nem mesmo pode assistir o parto do filho, como muitas vezes não lhe é permitido, e sobre esse fato, o autor da tese relata sua própria experiência.²⁸

24 TIBA, Içami. *Quem Ama, Educa!* São Paulo: Editora Gente, 2002, p. 36.

25 Ibid., p. 37.

26 Dieter KIRSCH, *Crise do masculino*, p. 19.

27 Dieter KIRSCH, *Crise do masculino*, p. 19.

28 Dieter KIRSCH, *Crise do masculino*, p. 20. O autor relata em uma nota de rodapé sua própria experiência sobre o diálogo com a parteira, de que ele estava decidido a acompanhar sua esposa em todos os momentos, esta, porém, disse que o momento do nascimento deveria ser só da mãe.

Outro aspecto que podemos destacar é que os homens geralmente são mais voltados para as tarefas, enquanto as mulheres são mais voltadas para os relacionamentos. Deus deu ao homem a ordem de encher, sujeitar e dominar a terra (Gn 1.28), ou seja, é a tarefa. A maioria dos homens está atrás de alcançar uma meta, que é a de melhorar o padrão de vida da família. A tarefa é um meio para alcançar a meta. No entanto, inúmeras vezes, o envolvimento com a tarefa pode ser tão grande, que se perde de vista o porquê de se estar trabalhando tão exaustivamente. E se essa confusão acontece, o que era um meio para se atingir um fim, torna-se um fim em si mesmo. É preciso, então, descobrir o equilíbrio entre tarefas e relacionamentos.²⁹

O problema é que a maioria dos homens busca proporcionar uma vida com boas condições financeiras para sua família, mas deixa marcas de relacionamentos desfeitos ao longo da vida. E isso acontece pelo fato de que o escritório oferece duas ótimas atrações: escapar de ter que lidar com imprevisíveis emoções femininas e crianças chorando, e é ali, no escritório, que acontece a emoção do negócio, o desenvolvimento da tarefa.³⁰

Em seu livro, Tiba³¹ também ressalta que o ser humano busca o sucesso e a realização profissional, as empresas investem em cursos de aperfeiçoamento e qualidade de vida, mas não tratam de um aspecto imprescindível: o relacionamento com a família, para o qual praticamente “não sobra tempo”. Todavia, justamente o relacionamento familiar é o mais importante. Pais executivos passam

29 MORLEY, Patrick M. *O Homem de Hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 1992, p. 106.

30 Ibid., p. 104-105.

31 TIBA, Içami. *O executivo & sua família: o sucesso dos pais não garante a felicidade dos filhos*. São Paulo: Editora Gente, 1998, p.13-15.

pouco tempo com os filhos, porém, no início fazem planos e projetos de como exercer essa função, mas, com o tempo, quando as crianças começam a *incomodar*, recorrem aos velhos modelos, e fazem igual ao que seus próprios pais fizeram, delegam às mães a tarefa de educar, e viram pais “domingueiros”, que deixam as crianças fazerem tudo o que querem, por se sentirem culpados de estar ausentes na maior parte do tempo, e no mais, escondem-se atrás da TV, do jornal ou computador. Conseguem administrar uma empresa, funcionários, mas têm dificuldade em administrar seus relacionamentos familiares. “O executivo pode ter um preparo profissional muito eficiente e atualizado, mas falta-lhe preparo para ser pai”.³²

Dessa forma, o mesmo autor afirma que “o sucesso dos pais não garante a felicidade dos filhos”,³³ que é necessário preparo para serem pais, e que os “filhos precisam da convivência paterna para estabelecer critérios de valor, códigos de ética”.³⁴

Crabb³⁵ destaca a “sede” que todo ser humano tem, a qual procura saciar em coisas e relacionamentos superficiais. Conta o exemplo de um jovem que sofre com a ausência do pai e a super proteção da mãe, mas ignora esse sofrimento para se autoprotger, sendo este o seu erro, pois ele procura satisfazer seus anseios com hábitos que não podem preencher esse vazio existencial, o qual somente no relacionamento com Deus pode ser plenamente satisfeito. O autor defende que “muitos dos hábitos que não conseguimos superar nada mais são que tentativas de aliviar a tensão gerada pela insatisfação de nosso profundo anseio de gozar bons relacionamentos”.³⁶

32 Içami TIBA, op. cit., p. 13-15.

33 Id., Ibid., p. 16.

34 Ibid., p. 17.

35 CRABB, Larry. *De Dentro para Fora*. Minas Gerais: Betânia, 1992, p. 107.

36 Id., Ibid., p. 107.

Os seres humanos, no caso muitos homens, procuram se autoprotger, pois, porque quando meninos sentiam o pai frio e distante, a probabilidade de se manterem distantes dos filhos é muito grande. A rejeição é dolorosa, gera dúvidas a respeito do próprio valor e, para evitar outra rejeição, recusam-se a entregar aos outros o amor mais profundo, porque temem receber em troca a indiferença.³⁷

E esse distanciamento pode se externar de diversas maneiras: alguns homens trabalham muito, pois se sentem melhor no trabalho do que em casa. Outros participam de todas as atividades em família, nunca perdem o futebol dos filhos, fazem piqueniques, leem histórias, entre outras coisas, mas sua motivação para este intenso envolvimento com a família pode ser nada mais do que uma autoproteção. E outros ainda procuram relacionar-se mais com os filhos, mas o fazem movidos por um forte desejo de ter um relacionamento que não tiveram com os próprios pais, e novamente a autoproteção é a motivação, e não o amor.³⁸

Como podemos ver, as causas de o pai se ausentar na família são inúmeras.³⁹ Quais serão as consequências dessa ausência para os filhos? Há consequências? Pai ausente, filho carente:⁴⁰ será esta uma verdade?

37 Ibid., p. 111.

38 Ibid., p. 111.

39 Ainda deixamos de abordar os pais que estão ausentes por motivos de separação dos casais, ou ainda crianças que perdem seus pais por falecimento do mesmo. Essas situações são diferentes e, por motivo de espaço, não poderemos tratar delas.

40 Pai ausente, filho carente é o título de um livro do autor Guy Corneau.

5. Consequencias

Julien,⁴¹ em uma entrevista dada a IHU On-Line, afirma que a função do pai é “salvadora” dizendo o seguinte:

Eis o que traz o pai: a capacidade de o indivíduo deixar as suas origens para fundar uma nova família. E de tornar-se uma mãe, se for menina, e um pai, se for menino. Ou seja, ele significa a separação para que se funde uma nova família.⁴²

Isso quer dizer que ele tem a função de salvar a criança diante da angústia da ausência da mãe, e ressalta a importância do pai, que ensina a liberdade e a independência em relação à mãe.⁴³

Como já abordado acima, o processo de desenvolvimento físico de uma criança leva em torno de 18 anos, e o processo de relacionamento com os pais envolve mais ou menos o mesmo tempo. Isso significa que uma pessoa ocupará mais da metade de sua vida com processos de relacionamentos, quer como filhos ou como pais. Se Deus determinou tanto tempo das nossas curtas vidas para esses processos de relacionamentos, é porque, com certeza, são de suma importância para Ele e, conseqüentemente, para nosso desenvolvimento saudável⁴⁴. Portanto, pais que querem construir uma boa autoimagem em seus filhos, além de estarem presentes nas vidas deles, precisam demonstrar atitudes de amor e aceitação incondicional para com a

41 JULIEN, Philippe. Psicanalista e escritor Francês. Foi membro da École Freudienne de Paris. Atualmente, membro da Lettre lacanienne e do Centre de recherche en psychanalyse et écritures.

42 JULIEN, Philippe. *A Função do Pai. Uma leitura de Lacan*. Disponível em: <<http://www.adital.org.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=34408>>. Acesso em: 01 set. 2009.

43 Id., Ibid.

44 McDOWELL, Josh. *Construindo uma nova imagem pessoal*. São Paulo: Can-deira, 1986, p. 66.

criança. Algo constante, não que é concedido ou tirado conforme o seu comportamento, e uma atitude de compreensão, dando à criança permissão de expressar seus sentimentos, positivos e negativos, e ser compreendida, não rejeitada.⁴⁵ As crianças precisam ser disciplinadas pelo seu mau comportamento, não por serem “crianças más”.⁴⁶

As conseqüências para as mulheres que, quando meninas, não tiveram um relacionamento amoroso e afetivo com o pai, podem ser certa desconfiança e hostilidade para com os homens e uma necessidade de atenção e afeição insaciável dos homens. Tendem a desenvolver problemas conjugais e sexuais, relacionando-se emocionalmente com seu marido, como se este fosse seu pai. E a promiscuidade também pode ter suas raízes na necessidade infantil de atenção e amor paternos.⁴⁷

O menino que tem falta de afeição ou atenção do pai, ou tem um relacionamento deficiente com este, cresce com um senso de masculinidade pobre, e não tem confiança em si como ser humano masculino. Esses meninos, quando homens, querem convencer e provar a si mesmos e aos outros sua masculinidade, podendo cair para um machismo, e se esforçam para alcançar status e posição, querendo com as realizações provar sua masculinidade. Outros procuram prová-la através de suas conquistas sexuais. Podem sentir hostilidade contra as mulheres também, pois muitas vezes a mãe tentou suprir a ausência do pai, sendo uma influência muito dominante. Tem dificuldades de estabelecer relacionamentos íntimos e profundos de amizade com outros homens. Além de estarem com uma predisposição maior para o homossexualismo.⁴⁸

45 Id., Ibid., p. 67.

46 Ibid., p. 68.

47 Ibid., p. 95-96.

48 Ibid., 97-100.

A ausência do pai também foi ligada à baixa autoestima, depressão, delinquência, violência, criminalidade, participação em gangues, fracasso escolar e dificuldade em ter relacionamentos emocionais.⁴⁹

Biaggio⁵⁰ traz a opinião de vários psicólogos a respeito do desenvolvimento de uma criança. A identificação é uma das áreas muito importantes no desenvolvimento da personalidade de uma criança, pois é através desta que se assimilam valores e atitudes a serem assumidas na sociedade. Parsons,⁵¹ por exemplo, considera que a criança aprende a identificar-se na interação recíproca com os pais, e que primeiramente tanto a menina quanto o menino se identificam com a mãe, e a seguir com o pai, e este, por sua vez, forma relações diferentes com o filho e a filha, fornecendo a base para a aprendizagem do papel masculino e feminino. Já Heilbrun⁵² não concorda, e diz que a criança aprende os papéis próprios do seu sexo observando-os nos pais.

Outro aspecto que Morley⁵³ destaca é de que as crianças não fazem automaticamente as escolhas certas, nem sabem discernir o certo do errado. Portanto, os pais devem proporcionar proteção aos seus filhos, não isolamento, sendo seu dever e papel proteger os filhos do mal e ensinar-lhes a retidão. E, nesse sentido, o homem precisa tomar as rédeas da liderança espiritual de sua casa, e conduzir as crianças ao sistema de valores que os pais desejam para elas.

49 POLLACK, William. *Meninos de verdade: conflitos e desafios na educação de filhos homens*. 2. ed. São Paulo: Alegro, 1999, p. 154.

50 BIAGGIO, Ângela M. Brasil. *Psicologia do Desenvolvimento*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 271.

51 Apud Id. *Ibid.*, p. 279.

52 Apud Id. *Ibid.*, p. 279.

53 MORLEY, Patrick M. *O Homem de Hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 1992, p. 162.

O psiquiatra Pruett⁵⁴ estudou famílias nas quais o pai fica em casa e as mães saem para trabalhar, e descobriu que os meninos que ganharam “alta dose de amor” do pai se tornam homens que demonstram se identificar mais rápido com o papel educador, e mostram um comportamento mais atencioso com irmãos e amigos. Apresentam um eu confiante e são mais tranquilos em relação aos papéis dos sexos. Podem ser mais calmos, flexíveis e empáticos. Não têm problemas em brincar com bonecas e, conforme crescem, têm as meninas como amigas, não as excluindo da brincadeira só para meninos.

Pollack⁵⁵ teve contato com pais que não tiveram, quando crianças, pais presentes, mas agora procuram fazer diferente com seus filhos, para que estes conheçam seu pai, e sentem-se felizes ao fazer tarefas, como, por exemplo, trocar fraldas no meio da noite, pois querem demonstrar todo amor e carinho que não tiveram quando tinham essa idade, e sua motivação, ao contrário do que pensa Crabb,⁵⁶ é o amor, e não a autoproteção.

Sem dúvida, crianças precisam dos pais para que sejam educadas e cresçam de forma saudável em todos os aspectos, tanto físico, emocional e psicológico, tornando-se assim adultos capazes de se relacionar com seus filhos, e educá-los de forma que o círculo vicioso de crianças perdidas, inseguras e com uma imagem pessoal deturpada seja quebrado. E, dessa maneira, possam formar aquilo que nós queremos chamar de um *círculo virtuoso* de adultos seguros, com relacionamentos saudáveis e estáveis.

Se as consequências da ausência paterna dentro de casa já são

54 Apud POLLACK, William. *Meninos de verdade: conflitos e desafios na educação de filhos homens*. 2. ed. São Paulo: Alegro, 1999, p. 161-163.

55 Ibid., p. 163-165.

56 CRABB, Larry. *De Dentro para Fora*. Minas Gerais: Betânia, 1992, p. 111.

tantas na *educação geral*, o que diremos então das consequências na vida espiritual dessas crianças que não recebem uma *educação religiosa* adequada dentro de casa?⁵⁷ Como serão esses adultos que, quando crianças, sofreram com pai ausente e desinteressado e, além disso, não tiveram uma orientação religiosa na família, na qual não lhes foi ensinado a amar a Deus acima de todas as coisas?

Com isso, queremos analisar alguns aspectos da educação das crianças no Antigo Testamento, a partir do texto de Deuteronômio 6.4-9, onde o povo de Israel é desafiado a amar a Deus acima de todas as coisas, recebendo de Deus a incumbência de ensinar seus filhos a amar a Deus.

II. APORTES EXEGÉTICOS EM DT. 6.4-9

1. A educação no AT

No antigo Israel, a família era a estrutura social mais importante, portanto, o relacionamento entre pais e filhos tinha um significado fundamental. Os filhos eram considerados “dom de *Yahweh*”,⁵⁸ e a tarefa de educação cabia ao pai e à mãe. Nos primeiros anos, a educação está mais intensivamente nas mãos da mãe, depois ela passa a educar principalmente as filhas, e os filhos ficam mais aos cuidados do pai, principalmente com relação ao aprendizado da profissão. O papel do pai se torna mais importante na educação do filho quando este é maior. Normalmente o jovem segue a profissão

⁵⁷Se é que é possível separar educação geral e educação religiosa.

⁵⁸WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983, p. 233.

do pai, seja agricultor, artesão, pastor, entre outros.⁵⁹ O pai é o sábio que ensina seu filho, *pai* também pode ser considerado título de mestre de sabedoria, cujo discípulo é seu filho, não necessariamente filhos biológicos, pois os profetas também são chamados de *pais*, e seus discípulos são seus *filhos*.⁶⁰

Um meio de educação é mostrar as consequências de seus atos, iss é bem retratado nos Provérbios (30.33), além disso, os Provérbios também dão conselhos aos pais (29.15; 23.13).⁶¹

O Antigo Testamento também retrata, com muita ênfase, a questão da responsabilidade de uma geração para com a outra, isso quer dizer, os pais não devem somente respostas aos filhos, mas lhes devem segurança e refúgio. Os pais precisam levar os filhos à fonte de refúgio e segurança, que é *Yahweh* (Pv 14.26). Por isso, os órfãos são recomendados de forma especial à proteção de todos (Dt 14.29). Na família do israelita, o pai é o principal responsável, desse modo, também a família é chamada de “casa do pai”,⁶² e sua autoridade tem peso para o filho. Quando os pais envelhecem, os filhos não lhes devem obediência, mas sim, devem atendê-los, dar alegria, e não desprezá-los nem lhes dar desgosto (Pv 10.1; 15.20; 22.6).

A partir de um estudo da sociedade de Israel no período pré-estatal, observamos que a “grande família” (casa paterna) é a forma mais comum de vida em sociedade, um exemplo é a família do patriarca Jacó.⁶³ No período seminômade, na “grande família”, o filho mais velho herdava o posto de chefe de família e administrador

59 Ibid., p. 235.

60 Ibid., p. 236-237.

61 Ibid., p. 237.

62 Ibid., p. 240-241.

63 THIEL, Winfried. *A Sociedade de Israel na Época Pré-Estatal*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1993, p. 29-36.

do patrimônio familiar, depois da morte do pai. A descendência masculina tinha uma importância maior. Já no período sedentário e pré-estatal, os privilégios do filho mais velho provavelmente aumentaram, em relação aos seus deveres na vida agrária. Nesse período, a grande família também se fortaleceu, porém, com o passar do tempo, há uma decadência, até sua eliminação como grupo social predominante, sendo a herança dividida entre os filhos masculinos, mas o filho mais velho ainda recebe uma parcela maior que seus irmãos.⁶⁴ A família passa a ser uma unidade menor, pois os filhos saem de casa quando se casam, formando assim outra família. Essa mudança se dá, principalmente, por fatores econômicos, porém, mesmo assim, um pai sempre era responsável perante o patriarca por uma unidade menor. Além disso, cabiam ao pai também funções cúlticas, apesar de serem apenas restos de sua antiga atividade sacerdotal, mas ele liderava a família numa peregrinação a um santuário (1Sm 1) e desempenhava papel fundamental na celebração da Páscoa, e provavelmente nos outros sacrifícios também, ao lado dos sacerdotes (1Sm 1.4ss).⁶⁵

A mãe era responsável pelos cuidados da criança nos primeiros anos de sua vida, podendo esses cuidados se estender até a adolescência; ela dava os primeiros elementos de instrução moral. No entanto, ao saírem da infância, principalmente os rapazes eram confiados aos seus pais, sendo destes um dos deveres mais sagrados: o de ensinar seus filhos, quer no ensino religioso ou na educação moral.⁶⁶ Apesar de a escrita já ser comum, o ensinamento se dava principalmente de forma oral, e “o conteúdo do ensino era

64 Ibid., p. 69.

65 Ibid., p. 80-82.

66 VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 72.

geral: o pai transmitia as tradições nacionais a seu filho, que eram também tradições religiosas, e as prescrições divinas dadas aos antepassados”.⁶⁷ E além do ensinamento em família, as crianças provavelmente aprendiam nas caravanas junto aos poços; à porta da aldeia, assistiam aos debates dos Anciãos, aos julgamentos e transações comerciais. E também iam junto com seus pais aos santuários ou ao Templo em Jerusalém (Lc 2.41ss), onde ouviam os salmos cantados e as histórias dos antepassados sendo narradas, que se ligavam com as grandes festas.⁶⁸

O lugar de ensino era o próprio lar, e os mestres, os pais.⁶⁹ A criança aprendia a instrução moral ordinária da mãe, e o conhecimento religioso e ritual do pai. As festividades também ensinavam a história religiosa, e a vida diária não se separava da crença e da prática religiosa. O método usado para a instrução era basicamente a repetição. A função da educação judaica era, sem dúvida, tornar o judeu santo e separado dos povos vizinhos, tornando a religião uma prática diária de vida.⁷⁰ O pai educava o filho até os 20 anos de idade. O método de ensino e educação no Antigo Testamento era extremamente rígido comparado aos nossos dias.⁷¹

67Ibid.

68Ibid., p. 73.

69PAYNE, D. F. *educação* In: DOUGLAS, J. D. (org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 455-457.

70Ibid.

71 WERNER, Roland. *Erziehung im Alten Testament*. Disponível em: <<http://www.hausarbeiten.de/faecher/vorschau/98403.html>>. Acesso em: 7/10/2009. O autor aborda que a educação também era dessa forma no Antigo Oriente e Egito.

2. Dt 6.4-9 e seu contexto

Deuteronômio 6.4-9

*4 Ouve Israel: Yahweh nosso Deus é único Yahweh! 5 E ame Yahweh teu Deus com todo teu coração, e com todo teu ser e com toda a tua força. 6 E estejam estas palavras que eu te ordeno hoje no teu coração. 7 E torne-as afiadas para que tu faças penetrar no teu filho, e fale sobre elas quando tu estiveres sentado na tua casa e quando tu caminhas no caminho, e quando tu deitas e quando tu levantas. 8 E amarre-as como sinal na tua mão e sejam para sinal/marca entre teus olhos. 9 E escreva-as no poste do portão e da porta da tua casa*⁷².

O livro de Deuteronômio narra uma história que tem as planícies do Jordão como local geográfico, onde o povo está prestes a entrar na terra de Canaã.⁷³ E é nesse contexto que Moisés diz suas últimas palavras, que resumem as verdades centrais e princípios básicos da vida que o povo escolhido por Deus deveria ter.⁷⁴

⁷² Esta é uma tradução literal baseada no texto original hebraico. Na tradução acima a expressão hebraica כָּל-יְהוָהֶ֑ךָ foi traduzida como “todo teu ser” que corresponde à alma na tradução para o português, e a expressão וְשִׁנְנָתָם לְבָנֶיךָ֑ foi traduzida como “torne-as afiadas para que tu faças penetrar no teu filho” ao que corresponde a palavra “inculcar” na tradução para o português de João Ferreira de Almeida, ou então “ensinar com persistência” na NVI, optou-se por estas traduções por se aproximarem melhor do sentido original hebraico.

⁷³ Este é o contexto da narrativa do Deuteronômio, mas isso não significa que o mesmo foi redigido nesse contexto. Para tanto, verificar a história da pesquisa, datação e autoria em: SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 121-127 e/ou: BRAULIK, Georg. “O Livro do Deuteronômio”. In: ZENGER, Erich e et. al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 100-107.

⁷⁴ RICHARDS, Lawrence O. *Guia do Leitor da Bíblia: uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 116. Deuteronômio significa a repetição da lei, maiores dados cf. Georg BRAULIK, *O Livro do Deuteronômio*, p. 97-100.

O texto aqui estudado mais detalhadamente, Dt 6.4-9, está incluso no “segundo discurso introdutório sobre a natureza do mandamento”,⁷⁵ que abrange os capítulos 5–11.⁷⁶ A perícopese encontra entre o Decálogo (capítulo 5), e a exortação de Israel obedecer a Deus, não adorando outros ídolos, além de ser exortado a não se misturar com outros povos, pois estes são idólatras, e assim, então, receberão as bênçãos da obediência (capítulos 6.10-25 e 7). Dessa forma, portanto, educar, nesse contexto, é uma questão de obediência à Palavra de Deus, e o conteúdo do ensino é a própria Palavra de Deus.

O livro como um todo tem a intenção de destacar “*um único Deus, um único povo, um único culto*”⁷⁷ [grifos do autor], sendo uma de suas ênfases teológicas o ensino.⁷⁸ Os versículos 1-4, que precedem o texto, colocam a base: *Yahweh* é o único Deus!⁷⁹ O amor a Deus, que se concretiza em obedecer, buscar um relacionamento com Deus e viver de acordo com a Palavra de Deus são o alicerce para esse ensino.⁸⁰

Os versículos 4-9 são centrais para a fé de Israel. A perícopese é chamada de “שְׁמַע יִשְׂרָאֵל – *Shema Israel*” e a tradução literal dessa expressão é “*Ouve Israel*”. Essa confissão de fé é repetida nos cultos das sinagogas por todo o mundo durante os séculos até os

75 Werner H. SCHMIDT, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 120.

76 Informações mais detalhadas a respeito da estrutura do livro encontram-se: Werner H. SCHMIDT, op. cit., p. 120-121.

77 Werner H. SCHMIDT, op. cit., p. 128.

78 Georg BRAULIK, *O Livro do Deuteronômio*, p. 110.

79 MACKINTOSH, C. H. *Gedanken zum 5. Buch Mose*. 12. ed., 1974, p. 142.

80 Verificar a respeito da intenção teológica do Deuteronômio em: Werner H. SCHMIDT, Op. Cit. p. 127-133 e/ou: Georg BRAULIK, *O Livro do Deuteronômio*, p. 107-113.

dias de hoje.⁸¹ O termo שמע possui o sentido básico de “ouvir” que, no presente texto, tem uma conotação de “prestar atenção, escutar e obedecer”.⁸²

4 Ouve Israel: Yahweh, nosso Deus, é único Yahweh! 5 E ame Yahweh, teu Deus, com todo teu coração, e com todo o teu ser e com toda a tua força. 6 E estejam estas palavras que eu te ordeno hoje no teu coração.

Essas palavras sintetizam tematicamente a principal intenção de todo o Deuteronômio: doação indivisa ao único Deus. No Novo Testamento, quando Jesus é perguntado a respeito do maior mandamento, Ele responde citando essa passagem (Mc 12.29-30).⁸³

Diante disso, perguntamos: o que significa esse amar a Deus?

3. Amar a Deus com todo מאדך e נפשך, ללבך

O verbo אהב (amar),⁸⁴ está inserido em vários contextos, e descreve frequentemente o amor entre seres humanos como, por exemplo, do pai pelo filho (Gn 22.2). No entanto, Deus também ama os homens, principalmente seu povo (Dt 4.37).⁸⁵ É com base nesse

81 Lawrence O. RICHARDS, op. cit., p. 122.

82 AUSTEL, Hermann J. “שמע”. In: HARRIS R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1998, p. 1586.

83 Werner H. SCHMIDT, op. cit., p. 119.

84 ALDEN, Robert, L. “אהב”. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.; B.K. WALTKE, op. cit., p. 19-20.

85 O amor de Deus pelo povo se concretiza na sua eleição, cf. GERTZ, Jan Chr. “Die Literatur des Alten Testaments”. In: GERTZ, Jan (Ed.). *Grundinformation Altes Testament*. 3. ed. Eine Arbeitsgemeinschaft der Verlage, p. 258-259.

amor que provém de Deus, que Israel pode e deve amar a Deus, esse é o motivo pelo qual Israel é chamado a amar a Deus; alguns Salmos contêm testemunhos da obediência a este mandamento (116.1; 145.20). E é interessante observar que não há nenhuma passagem que se refira ao amor dos filhos pelos pais, em vez disso, os filhos devem honrar, reverenciar e obedecer aos pais. Talvez isso ocorra porque o amor para o judeu se concretiza em atos como honrar, reverenciar e obedecer, assim o amor já é pressuposto, tanto dos pais para com os filhos, como ao contrário também.

Israel recebe o desafio de amar a Deus. O amor a Deus aqui tem sentido de ser obediente, e se expressa em fazer a vontade de Deus. Amar a Deus significa, em primeiro lugar, respeitar sua autoridade, viver a vida conforme sua vontade, ser obediente de coração⁸⁶ (Jo 14.15). A Israel é dada a séria tarefa: o conhecimento deste único e verdadeiro Deus. No entanto, muito mais do que somente conhecer esse mandamento do amor é a tarefa de que essas palavras devem estar no coração de cada israelita individualmente.⁸⁷

Deus exige amor com todo o ser, isso não deve ser entendido apenas como observância das leis de uma forma obrigatória, mas é algo único de uma relação de devoção pessoal criada e sustentada pela operação de Deus no coração humano.⁸⁸ O amor não é mero sentimento, mas se concretiza em ações, em zelo e cuidado. Assim é o amor de Deus para com seu povo, sendo a eleição de Israel um reflexo desse amor. E o amor do homem para com Deus consiste

86 Mas tanto o povo de Israel, quanto nós hoje, podemos amar a Deus porque Ele nos amou primeiro (1 Jo 4.19).

87 LAMPARTER, Helmut. *Der Aufruf zum Gehorsam. Das fünfte Buch Mose*. Stuttgart: Calwer Verlag, 1977, p. 47-48.

88 PALMER, F. H. „amor“. In: DOUGLAS, J. D. (org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 70.

na alegre experiência de comunhão com Deus, na demonstração do querer conhecer e relacionar-se com esse único Deus, na obediência diária dos mandamentos, e demonstrado também na prática de amor ao próximo (cuidando do órfão e da viúva).⁸⁹

O amor no AT é muito mais que um sentimento ou emoção, mas ele se expressa em ações: “andar em seus caminhos”, “servir ao Senhor...”, “observar seus mandamentos”.⁹⁰ E esse amor a Deus deve ser com todo o coração, vida e força.

Quando se fala em amar a Deus com todo o coração, não quer dizer que é com todo o sentimento ou emoção, porém, com toda a razão. לֵב (coração) deve ser entendido como conhecimento racional, e não emoção, como costumamos pensar.⁹¹ Nesse sentido e “estejam estas palavras que eu te ordeno hoje no teu coração” quer dizer que devem ficar na “consciência dos ouvintes”.⁹² Assim, o coração se torna um repositório do saber e das recordações, ou seja, guardar no coração significa “guardar na memória”. Provérbios 7.3 nos diz: “Amarra-as nos teus dedos! Escreva-as na tábuca do teu coração”; não quer dizer que se deva fazer isso literalmente, mas que os mandamentos de Deus estejam sempre presentes na memória e no agir.

É no coração que se processa o pensar, considerar, refletir e deliberar. O coração abrange tudo o que nós consideramos funções da cabeça e do cérebro: a faculdade cognoscitiva, a razão, a compreensão, o entendimento, a consciência, memória, saber,

89 O amor de Deus e o amor a Deus é um dos temas centrais do livro de Deuteronômio. Cf. Georg BRAULIK et.al., op. cit. p. 112-113 e/ou Werner H. SCHMIDT, op. cit., p. 132.

90 Lawrence O. RICHARDS, op. cit., p. 126.

91 Hans Walter WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento*, p. 72-73.

92 Ibid., p. 72-73.

reflexão, julgamento, orientação e juízo.⁹³ O coração pode ter um amplo significado, que abrange tanto corpo, emoção, razão e vontade. A Bíblia vê o coração do ser humano como o centro do homem que vive de modo consciente. Portanto, o coração é chamado para ter juízo, principalmente no que se refere à Palavra de Deus.⁹⁴

Já o termo נפש aqui traduzido como “ser”, pode ter sentido de “vida”, “respirar”, “garganta”, pode designar “apetite”, “vontade” ou “desejo”.⁹⁵ A נפש também pode ansiar ou desejar uma pessoa, e este desejo pode estar voltado para Deus (Sl 42.1), ansiar pela presença, lei, salvação e átrios do Senhor. O termo é frequentemente usado em associação com “amor”, tanto entre homem-mulher, como entre amigos e também do homem para com Deus.

Portanto, amar a Deus “com todo ser” quer dizer com a totalidade do ser, seja físico, emocional, psicológico ou racional, pois “o ser humano não tem נפש, mas é נפש”.⁹⁶

E amar a Deus com toda a מֵאָדָּה (força) dá ideia de intensidade e abundância.⁹⁷ Os dois termos, נפש e לֵב, indicam entre si que o ser humano deve amar a Deus sem qualquer reserva em sua devoção. E o terceiro termo, מֵאָדָּה, quer dar força e intensidade à ordem.⁹⁸ Isso quer dizer então que Deus espera que seu povo o ame com todo o ser, em todo o tempo e com todo seu conhecimento racional, e isso

93 Ibid., p. 74-76.

94 Ibid., p. 81.

95 WALTKE, Bruce K. “נפש”. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.; B. K. WALTKE, op. cit., p. 981-983.

96 Hans Walter WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento*, p. 22 [grifos da autora].

97 KAISER, Walter C. “מֵאָדָּה”. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.; B. K. WALTKE, op. cit., p. 801.

98 THOMPSON, J. A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 118.

tudo com uma intensidade tal que seja *encravado* ou *enfiado* em seus filhos.

A exortação de amar a Deus com todo o לֵב e נֶפֶשׁ e מְאֹד quer dizer, conforme McBride:

As três partes de Dt 6.5, *lebab* (coração), *nefesh* (alma) e *meod* (força), em vez de ter o sentido de esferas diferentes da psicologia bíblica, parecem ser semanticamente concêntricas. As palavras foram escolhidas para ressaltar o caráter essencialmente único da devoção a Deus. Dessa maneira, *lebab* indica a intenção ou vontade da pessoa toda; *nefesh* significa a totalidade do ser, uma unidade de carne, vontade e vitalidade; e *meod* destaca o grau superlativo da dedicação total a *Yahweh* [grifos do autor].⁹⁹

4. A responsabilidade do pai

7 E torne-as afiadas para que tu faças penetrar no teu filho, e fale sobre elas quando tu estiveres sentado na tua casa e quando tu caminhas no caminho, e quando tu deitas e quando tu levantas. 8 E amarre-as como sinal na tua mão e sejam para sinal/marca entre teus olhos. 9 E escreva-as no poste do portão e da porta da tua casa.

A partir do versículo 7 do texto, Deus dá as diretrizes de como essas palavras devem ser repassadas para as gerações seguintes. A lei do Senhor deve estar gravada no coração e na mente de cada um, mas os filhos também precisam ser encaminhados para amar a Deus dessa forma.

O termo שָׁנַן normalmente traduzido por “inculcar”, “ensinar” ou “ensinar com persistência” possui um sentido ainda mais amplo. שָׁנַן no tronco qal significa “afiar”, mas no texto estudado se encontra

⁹⁹ Apud Ibid., p. 983.

no piel, e alguns dicionários traduzem como “inculcar”.¹⁰⁰ Entretanto, no alemão, a tradução fica mais evidente, no qal “*schärfen*” (afiar) e no piel “*jemanden etwas einschärfen*” (estar afiando alguma coisa em alguém).¹⁰¹ Ou então, há autores que entendem que a palavra deriva de uma segunda raiz, com sentido de “repetir”,¹⁰² sendo que um destes traduz da seguinte forma no piel: “*wiederholen*” (repetir), “*immer wieder sagen*” (falar sempre de novo).¹⁰³

A partir disso, concluímos que as traduções feitas para o português não dão o sentido verdadeiro ao que o termo quer dizer. No alemão é possível perceber que o verbo no qal é traduzido como “*schärfen*” (afiar) e no piel “*jemanden etwas einschärfen*” (estar afiando alguma coisa em alguém), continua com a mesma raiz “*(ein)schärfen*”. Portanto, aqui traduzimos da seguinte forma: “... e torne-as afiadas para que tu as faças penetrar no teu filho...”. Ou seja, as palavras do Senhor e Sua lei devem estar tão *afiadas*, devem ser vividas todos os dias, o dia todo, de forma tal que isso fique evidente por meio do seu exemplo. E, dessa forma então, se os pais estiverem *afiados*, se forem um bom exemplo de amor a Deus vivido diariamente, conseqüentemente essa forma de viver a partir da palavra e do amor a Deus irá *penetrar*, pois, como uma espada bem afiada penetra e corta, assim também a Palavra de Deus vivida pelos pais *afiados* irá *penetrar* como uma espada na vida dos filhos.

100 SCHÖKEL, Luis Alonso. “שָׁרַף”. In: *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 686.

101 GESENIUS, Wilhelm. „שָׁרַף“. In: *Hebräisch und Aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament*. 17 ed. Berlin; Göttingen; Heidelberg: Walter de Gruyter, 1962, p. 852.

102 AUSTEL, Hermann J. „שָׁרַף“. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.; B. K. WALTKE, op. cit., p. 1594.

103 KOEHLER, L.; BAUMGARTEN, W. „שָׁרַף“. In: *Lexikon in Veteris Testamenti Libr*. Stuttgart: Ed. Leiden, 1985, p. 998-999.

“... *efale sobre elas quando tu estiveres sentado na tua casa...*”, nesse caso, o verbo sentar tem uma conotação de “permanecer, ficar, demorar-se”, pois segue com “na tua casa”, que indica lugar.¹⁰⁴ “... *e quando tu caminhas no caminho...*”, a palavra caminhar denota movimento em geral, usualmente descreve movimento de pessoas, antônimo de sentar.¹⁰⁵ “... *e quando tu deitas e quando tu levantas*”, o verbo levantar normalmente se refere à ação física de “levantar-se ou erguer-se” que é antônimo de deitar.¹⁰⁶ O que o texto se refere aqui é todo o dia e o tempo todo, não importa qual é a atividade que se faz, não importa se estiver sentado em casa, ou se for deitar para dormir, ou então ao levantar, quando for ao trabalho ou quando viajar. As palavras de Deus e o amor a Deus devem ser vividos o tempo todo. Além disso, deve-se falar sobre estas palavras de Deus, sobre o amor de Deus e a Deus com os filhos em todas as ocasiões do dia, todos os dias, para que realmente sejam *enfiadas* como uma espada na vida dos filhos.

“*E amarre-as como sinal na tua mão e sejam para sinal/ marca entre teus olhos*”. “Amarrar” denota a ação de amarrar ou prender algo a alguma coisa. O sentido de amarrar sugere claramente em outros textos (Gn 38.28; Js 2.18) que algo deve ser amarrado em alguma coisa. Em Dt 6.8, Deus manda os israelitas amarrarem as leis (palavras) divinas nas suas testas e mãos, para que seus pensamentos e ações sejam governados pela palavra divina. O judaísmo dos dias de Jesus tinha cumprido literalmente a ordem de amarrar a Palavra

104 KAISER, Walter C. “שב””. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.; B. K. WALTKE, op. cit., p. 675-676.

105 COPPES, Leonard J. “הלך””. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.; B. K. WALTKE, op. cit., p. 355.

106 COPPES, Leonard J. “קוים””. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.; B. K. WALTKE, op. cit., p. 1331.

de Deus em si próprios, mas acabam por acrescentar outras ideias ao mandamento, deixando de ser um ornamento para se tornar um peso opressivo (Mt 23.4).¹⁰⁷ O termo “sinal” normalmente está no contexto ou de colocar um sinal (o Senhor colocou um sinal em Caim), ou então, o Arco da Aliança e a Circuncisão também são sinais. O termo também pode apontar para coisas incomuns, assim como as pragas do Egito, que são chamadas de sinais. E, na maioria das vezes, está no contexto de “sinais miraculosos”. Também podem se referir a um sinal passado para ser lembrado, como as pedras no Jordão (Js 4.6), ou a uma promessa futura, como a de Is 55.13, de um futuro sem espinhos.¹⁰⁸ “Sinal entre os olhos” são os chamados “filactérios” que é marca ou sinal colocado na testa, entre os olhos, como memorial. Colocar “frontais” na testa sempre está associado a fazer “sinais na mão”. Essa era uma maneira comum de identificar escravos no antigo Oriente Médio, marcando as mãos e as testas ou então uma das duas. Esses “frontais” talvez estivessem identificando os israelitas como servos do Senhor, ao deixar que a lei permeasse seus pensamentos e ações. O *sinal* literal adquiria seu sentido básico na identificação figurada dos mandamentos de Deus com os *frontais*. Esses *frontais* deveriam ser um *memorial* na testa, lembrando os israelitas de meditarem nos mandamentos do Senhor e de guardá-los. Mais tarde, houve judeus que usaram esses *frontais* de forma literal e ostensiva e foram repreendidos por Jesus (Mt 23.5). Eles amarravam caixinhas nas testas e pulsos e nelas colocavam versículos bíblicos para servir de lembrete.¹⁰⁹

107 COPPES, Leonard J. “קשר”. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.; B. K. WALTKE, op. cit., p. 1380.

108 ALDEN, Robert, L. “אֹתֹת”. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.; B. K. WALTKE, op. cit., p. 27-28.

109 ALEXANDER, Ralph H. “טֹטְפוֹתֵי”. In: R. L. HARRIS; G. L. ARCHER JR.;

O fato de que as palavras de Deus devem ser amarradas nas mãos e testas, não significa que isso deva ser feito literalmente. No entanto, Deus usa dessa linguagem figurativa para expressar o desejo de que seu povo fosse marcado por pertencer a Ele, não colocando literalmente caixinhas com partes da lei na testa ou nos pulsos. No entanto, isso denota que Deus esperava que os pensamentos dos israelitas estivessem voltados para Sua Palavra, para Sua lei e para seu amor tantas vezes demonstrado. Deus deseja que agora o povo de Israel demonstre seu amor por Ele por meio dos atos de suas mãos, para que tudo que se faça, seja feito com amor, a Deus e ao próximo. Deus deseja que os pensamentos e ações de cada indivíduo do povo de Israel sejam norteados pelas palavras e pelo amor a Deus.

“E escreva-as no poste do portão e da porta da tua casa”. Aqui se referem a *“Türpfostern”* ou *“Torpfostern”* (umbrais da porta ou umbrais do portão).¹¹⁰ Escrever a lei nos umbrais do portão ou da porta – a entrada e saída da casa, tem aqui um sentido metafórico, pois a porta e o portão têm sentido, no imaginário judeu, de proteção dos demônios, do vento, entre outros. Assim, trechos da Torá deveriam ser “escritos” nos umbrais da porta ou do portão para que a casa fosse regida pela Torá, mas também o sentido de proteção não foi esquecido.¹¹¹ Novamente Deus usa de metáforas para expressar seu desejo de que as pessoas – não importa onde estejam, seja dentro ou fora de casa, na cidade ou fora dela, sejam dirigidas e regidas pelas palavras e leis do Senhor. Que sejam exemplos do amor de Deus

B. K. WALTKE, op. cit., p. 569-570.

110 MILGROM, J. „תּוֹרַתְךָ“. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*. Vol.4 Stuttgart; Berlin; Mainz; Köln: Verlag W. Kohlhammer, 1984, p. 802-803.

111 MILGROM, J. „תּוֹרַתְךָ“. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H., op. cit., p. 802-803.

em todos os lugares, em casa ou na rua, em sua própria cidade ou quando visitarem outra cidade. Em todo o tempo e lugar.

No texto, Deus usa apenas coisas do cotidiano das pessoas, ou seja, tudo aquilo que eles faziam todos os dias o tempo todo: falar, sentar, andar, deitar, levantar, amarrar como sinal, escrever no umbral do portão ou porta da casa. Até a maneira que os escravos eram marcados foi usada por Deus, para ilustrar que Ele queria que os israelitas fossem sua propriedade, lembrando sempre da lei do Senhor, e que seus atos e pensamentos fossem permeados pela lei. Contudo, não queria que isso se tornasse literal. Deus usa algo conhecido para ilustrar, mas os israelitas acabam por fazer literalmente, entretanto, seus atos e pensamentos estavam mais nas leis que eles mesmos criaram do que na lei do Senhor.

Remetendo ao tema da educação de filhos, isso significa que os pais devem estar com as palavras do Senhor tão evidentes em todos os momentos de suas vidas, que sejam um exemplo a ser seguido; que seus atos e pensamentos estejam voltados para Deus, não importando o local onde estejam, mas que o amor a Deus marque suas vidas de tal forma, que venha a adentrar na vida dos filhos de maneira natural, mas penetrante, e estes venham a agir assim também.

IV. APONTAMENTOS PARA A ATUALIDADE

1. A figura paterna na sociedade brasileira

Em uma entrevista realizada com alguns homens a respeito da paternidade, percebemos que muitos ainda a encaram como um encargo social e provedor da família, em que o aspecto afetivo

praticamente não é levado em consideração. E a maioria ainda encara o fato de ser pai praticamente como uma transição da adolescência para a vida adulta, pois destacam muito a responsabilidade que agora têm frente à família e ao filho, que precisam do cuidado e da provisão. E, além disso, muitos consideram essa responsabilidade como “redução da liberdade”.¹¹² Em certo sentido, realmente é isso o que acontece, pois, com os filhos, a responsabilidade pesa bem mais e, sem dúvida, há uma redução da liberdade, pois agora se tem nas mãos uma vida para ser cuidada, provida e educada. Esse pode ser um dos motivos para que o pai se ausente da vida familiar. E se a paternidade for encarada como um *peso*, com certeza, ela será apenas mais um encargo social, e haverá ausência. No entanto, já há uma pequena mudança desse pensamento. Também podemos observar pais que se envolvem diretamente no cuidado e na educação dos filhos, não apenas provendo aquilo que necessitam para a vida física, mas provendo afeto, atenção e carinho. Apesar de que ainda são poucos os que realmente encaram a paternidade dessa forma.

Infelizmente, a sociedade em que vivemos valoriza muito mais os bens e as realizações do que os relacionamentos. E a maioria dos homens se descreve em termos de suas realizações financeiras, e não em termos do impacto causado em seus filhos. Entretanto, “o modo como gastamos o nosso tempo é um ato da vontade – uma decisão”.¹¹³ O dever dos pais é o de ensinar aos filhos a retidão. O homem precisa tomar a liderança espiritual da casa, guiando as

112 FREITAS, Waglânia de M. F. e et al. *Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor*. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102009000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 7/10/2009.

113 MORLEY, Patrick M. *O Homem de Hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 1992, p. 106-109.

crianças para o sistema de valores que os pais desejam para elas.

2. O pai como referencial para o filho

Podemos imaginar a família como um móbile, no qual todas as partes precisam estar alinhadas e com o mesmo peso, para que possam estar em equilíbrio. Na família, pai e mãe precisam estar em sintonia, alinhados e com o peso das responsabilidades divididas, assim os filhos irão crescer num ambiente seguro e saudável. Se todo o peso recai somente para um, seja pai ou mãe, já não há mais equilíbrio, e ocorrerá não somente sobrecarga em um dos pais, mas também toda a estrutura familiar fica abalada. As consequências normalmente recaem não somente nos pais, mas principalmente nos filhos. Portanto, a ausência do pai acarretará na sobrecarga da mãe, trazendo consequências não somente para ela, mas principalmente para os filhos, que estarão privados do envolvimento do pai.

Crianças precisam do pai presente em suas vidas de maneira ativa, e da mãe também, e que eles sejam um exemplo com seu comportamento e principalmente no amor a Deus, pois é isso que as crianças irão aprender, a amar a Deus se os pais também o amarem.¹¹⁴

O aprendizado de uma pessoa acontece durante a vida toda, mas à medida que envelhecemos, não estamos tão dispostos ou propensos a mudar conceitos adquiridos na infância.¹¹⁵ E com relação à fé ocorre a mesma coisa. Quando é aprendida desde a infância, o grau

114 Não enfatizamos isso como regra geral, pois sabemos que nem sempre uma coisa depende da outra, mas aqui destacamos a importância do ensino religioso dos pais.

115 FRAAS, Hans-Jürgen. “Crer e aprender”. In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, vol. 34, n. 2, 1994, p. 179-182.

de probabilidade de rejeição da fé é menor (Pv 22.6). As expressões de fé também se tornam um hábito, mas o que acontece atualmente é o receio que se tem de influenciar as crianças; argumenta-se que elas precisam de liberdade e que se sentem forçadas quando se faz com que participem daquilo que os adultos fazem convincentemente, sua fé. Contudo, não se tem receio de ensinar a cuidar do corpo, da higiene e alimentação. Por que então há receio do ensino religioso? Do cuidar espiritual da criança? Pais precisam sim levar seus filhos a participar de sua vida religiosa para que a igreja se torne familiar, como uma segunda casa, e para que as crianças se sintam parte integrante da vida da comunidade.¹¹⁶

Pesquisas comprovam que o papel da religião no lar reduz consideravelmente a propensão ao consumo de drogas e álcool.¹¹⁷ Um estudo em escolas públicas e particulares de Campinas – SP verificou que o uso de drogas é menor nos estudantes que tiveram educação religiosa na infância. Foram desenvolvidos estudos e pesquisas em vários países sobre o consumo de drogas, e notou-se que o consumo é maior entre aqueles que não creem em Deus, ou que não possuem uma vida religiosa ativa. A religião foi dada como fator fundamental de proteção ao consumo de drogas, ou seja, quanto maior a importância dada à religião, menor o grau de possibilidade de envolvimento com drogas. A mesma coisa acontece

116 Id., Ibid.

117 SANCHEZ, Zila van der Meer. *As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas: a experiência de grupos católicos, protestantes e espíritas*. Tese (Doutorado em Psicobiologia) apresentada na Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/TCC/As%20pr%C3%A1ticas%20religiosas%20atuando.PDF>>. Acesso em: 15/01/2009.

com a dependência do álcool.¹¹⁸

A esse respeito, Tiba¹¹⁹ argumenta que a falta de limites dos pais, e principalmente de uma ação concreta do pai, faz com que a criança se torne “folgada” e, mais tarde, esses “folgados” transformam o abuso entre as paredes do lar em abuso externo, na sociedade, e então nasce o delinquente e usuário de drogas. No caso das drogas, o filho abusa do próprio limite até perder o controle, e acaba por distorcer a própria personalidade. E, segundo o autor,

[...] quando falha o grande controlador, que é a família representada pela figura do pai, os abusos começam a acontecer. E, quando um abuso é bem-sucedido, ele se estende para o âmbito social, por meio da delinquência e da compulsão pelas drogas.¹²⁰

A sugestão do autor para que o vínculo pai e filho seja restabelecido é da “convivência concentrada”,¹²¹ ou seja, fazer uma viagem juntos de uma semana, que pode ser chamada de um “soro na veia”, pois contém as bases e condições para restabelecer o vínculo perdido e um distanciamento dos vícios.

A relação dos pais com os filhos é fundamental para sua relação com Deus. Ensinar-lhe em casa e trazê-lo junto à igreja, não obrigá-lo, mas fazendo com que ele imite o exemplo. Criar um filho é muito diferente do que pagar alguém para fazê-lo, ou então dar tudo o que a esposa precisa para que ela faça o papel de mãe,¹²² e

118 Ibid.

119 TIBA, Içami. *Disciplina, limite na medida certa*. São Paulo: Editora Gente, 1996, p. 50-51.

120 Ibid., p. 51.

121 Ibid., p. 54-55.

122 SANTOS, Cleydemir de Oliveira. *Escola Bíblica Dominical: Lugar de criança conhecer a Deus?* Disponível em: <<http://www.cppc.org.br>>. Acesso em: 27/07/2009.

ainda acrescentando, além do seu papel de mãe, também o de pai.

Os melhores mestres das crianças são os próprios pais, que praticam aquilo que ensinam a seus filhos. Pais devem ser exemplo a seus filhos! Sem isso, muitos anos de instrução religiosa formal podem redundar em fracasso. O ensino deve ser completo e deve ser levado a sério no lar, quando caminhamos, viajamos, quando deitamos para dormir, quando nos levantamos para um novo dia,¹²³ ou seja, sempre, o tempo todo!

Segundo Tiba,¹²⁴ “Religião se aprende com a prática dos pais”, pois os filhos absorvem tudo o que os pais fazem, inclusive a prática religiosa. Eles aprenderão a ter a confiança e o amor que os pais têm por Deus. E assim como aprendem a respeitar e obedecer aos pais; também aprenderão com relação a Deus. “Criança vê, criança faz”.¹²⁵ O psiquiatra e educador ainda afirma:

A prática tem mostrado o quanto mais que outras uma criança que respeita seus pais tem mais facilidade de respeitar outras autoridades e pessoas, não se deixando levar pelos destemperos emocionais e tiranias tão presentes nos dias de hoje. Se os pais cumprem os mandamentos religiosos, os filhos também tendem a cumpri-los e assim a família e a escola religiosas passam a ter uma força e energia acima das próprias a torná-las mais unidas e encontradas.¹²⁶

É a partir do exemplo dos pais que um filho é educado. Isso acontece o tempo todo, desde uma conversa dos pais com amigos até aos negócios que a criança vê e escuta; ou da posição dos pais

123 CHAMPLIN, R. N. *Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo*. Vol. 2; 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 786.

124 TIBA, Içami. *Religião se aprende com a prática dos pais*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/colunas/icami_tiba/ult6425u26.jhtm>. Acesso em: 15/10/2009.

125 Ibid.

126 Ibid.

no lar e na vida, e até mesmo dos gostos que os pais têm.¹²⁷ Ou seja, assim como no texto de Dt 6.4-9, a educação acontece a cada instante da vida, seja quando os pais estão sentados em casa, andando e passeando, indo ao trabalho, levando à escola; quando vão dormir e ao acordar; nas refeições, no se relacionar com os outros, mostrando ser, ou não, alguém *marcado* com o amor a Deus; naquilo que se escreve, lê ou assiste na televisão! Não há momento em que os pais não estejam educando os filhos.

3. Aprendizado a partir de Dt 6.4-9

No texto bíblico de Dt 6.4-9, estudado mais profundamente no terceiro capítulo deste trabalho, Deus ordena que o amem e obedeçam aos seus mandamentos, e que isso deve ser ensinado aos filhos. No AT, o ensino religioso era de responsabilidade do pai. Isso se deve talvez ao modelo patriarcal de sociedade, o que não queremos defender aqui como ideal, mas apenas destacar que há necessidade de haver também o envolvimento do pai no ensino religioso dos filhos. Não somente a mãe é responsável pela educação dos filhos, seja geral ou religiosa, mas também o pai deve se ocupar e estar ativo na vida dos filhos.

No AT, a família não era apenas a base da sociedade de Israel, mas também o centro do ensino religioso. Era a família que preservava as tradições do passado e as transmitia às gerações futuras. Podemos perceber que ambos os papéis, de pai e mãe, são de extrema importância,¹²⁸ mas o pai desempenhava um papel maior de

127 SANTOS, Cleydemir de Oliveira. *Escola Bíblica Dominical: Lugar de criança conhecer a Deus?* Disponível em: <<http://www.cppc.org.br>>. Acesso em: 27/7/2009.

128 GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. *Mulher e Homem*.

liderança, tanto é que a festa central no AT, a Páscoa, era uma festa familiar presidida pelo pai, não pelo sacerdote do Templo.¹²⁹

Percebemos que o texto bíblico de Dt 6.4-9 retrata uma realidade na qual não havia ausência, seja materna ou paterna. Os pais estavam com os filhos em todos os momentos, na rotina do dia-a-dia: andando, sentados em casa, ao deitar e assim por diante.¹³⁰ Além disso, os filhos aprendiam a profissão com os pais; hoje essa realidade mudou completamente, na maioria dos casos, as escolas e faculdades é que qualificam a pessoa profissionalmente.¹³¹ Não consideramos isso algo ruim, mas, sem dúvida, a convivência entre pais e filhos diminuiu consideravelmente. E a realidade atual, na maioria dos casos, não permite um conviver tão intenso com os filhos como o descrito no texto.

O intuito desse trabalho não é querer retornar à época do Antigo Israel, mas aprender aspectos de sua educação que está voltada e orientada pela Palavra e pelo amor a Deus. O texto de Dt 6.4-9 nós dá diretrizes para uma educação baseada no amor e na obediência a Deus. Pais que obedecem à Palavra de Deus e a guardam, educam seus filhos, a partir de seu próprio exemplo, a amar a Deus. Pois aquilo que os pais ensinam por meio de seu próprio

São Leopoldo: Sinodal, 1981, p. 54.

129 CETINA, Edesio Sánchez. “A Família educadora da fê”. In: *Casamento e Família: uma abordagem Bíblica e Teológica*. 2. ed. Viçosa: Ultimato, 2003, p. 76.

130 Não queremos aqui idealizar essa época, pois sabemos que ali também houve problemas, por ex., as meninas não recebiam instrução formal, somente os meninos. Além de que elas, muitas vezes, também eram privadas da presença do pai, pelo fato de a educação estar mais dividida entre os gêneros: pai com os meninos e mãe com as meninas.

131 Com ressalvas, pois muitos aprendem sua profissão de outras maneiras. No Brasil, nem todos têm acesso às faculdades, e assim a experiência de trabalho que se vai adquirindo ao longo da vida qualifica o profissional.

exemplo de obediência e amor, comunica muito mais aos filhos do que ensinamentos orais desvinculados da prática.

É nas relações entre pais e filhos que as crianças aprendem a se relacionar, tanto com Deus quanto com o próximo.¹³² O texto de Dt 6.4-9 diz que o povo deve amar a Deus com todo o ser e obedecer aos mandamentos de Deus. E isso os pais também devem ensinar aos filhos, ou seja, às gerações futuras. Pais devem estar tão *afiados* nas palavras de Deus, na lei e no amor a Deus, e que isso seja tão evidente em suas vidas, que seu exemplo possa penetrar em seus filhos. O ensino apenas verbal não possui a mesma eficácia do que o próprio exemplo dos pais. As crianças têm uma facilidade muito grande em “escutar o que não foi dito”,¹³³ ou seja, imitar o que os pais fazem, e não o que eles falam. Portanto, o exemplo também cai por terra quando este não está em harmonia com aquilo que se fala. A criança, apesar de não ter a maturidade para entender, fica com tudo gravado em sua memória, o que pode ser ativado em qualquer momento.¹³⁴

Para o AT a “fidelidade ao Senhor e educação no lar caminham de mãos dadas”.¹³⁵ No NT, Jesus resgata o valor da criança, deixando-as vir a Ele e abençoando-as (Mt 19.13-15), e sua ordem de ir e fazer discípulos (Mt 28.16-20) começa em casa, entre pais e filhos. Os filhos devem ser os primeiros discípulos dos pais, pois devem aprender com eles como seguir a Jesus Cristo.

A educação religiosa é de fundamental importância, e até

132 SANTOS, Cleydemir de Oliveira. *Escola Bíblica Dominical: Lugar de criança conhecer a Deus?* Disponível em: <<http://www.cppc.org.br>>. Acesso em: 27/7/2009.

133 Ibid.

134 Ibid.

135 Edesio Sánchez CETINA, *A Família educadora da fé*, p. 83.

mesmo na tradição eclesial, o reformador Martinho Lutero destacou que “a família é a menor Igreja, a Igreja doméstica, onde os pais são os pastores, os primeiros mestres da fé”.¹³⁶ Lutero também escreve o Catecismo Menor com o intuito de que seja lido e aprendido nos lares,¹³⁷ ou seja, para que pais ensinem seus filhos a respeito da fé em seus cultos domésticos.

4. Propostas práticas ao pai

O pai como líder¹³⁸ da família deve orientá-la e guiá-la para uma vida reta diante de Deus, fazendo um culto doméstico e integrando a Palavra de Deus na vida cotidiana da família. Na medida do possível, passar tempo com os filhos, realizando atividades e hobbies que eles gostem. Procurar inserir os filhos na sua vida.

A realidade atual talvez não permita um conviver intenso entre pai e filho, ou entre pais e filhos, assim como podemos observar na sociedade do Antigo Israel, mas, apesar disso, é possível manter um bom relacionamento com os filhos, conduzi-los e ensiná-los, a partir de seu próprio exemplo, a amar a Deus acima de tudo. Dando a atenção e proporcionando um ambiente familiar saudável e de agradável convivência. Isso não se refere exclusivamente ao pai, mas ao pai e à mãe; o casal deve estar unido no propósito de amar a Deus e educar seus filhos para este caminho também.

É importante estar atento para as necessidades da criança,

136 Apud DALFERTH, Silfredo Bernardo. *Hospitalidade Eucarística*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 32.

137 DREHMER, Darci (editor); SCHÜLER, Arnaldo (trad.). *Livro de Concórdia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra, Porto Alegre: Concórdia, 2006, p. 362.

138 Isso não significa ser autoritário e fazer esposa e filhos se submeterem às suas vontades.

não somente físicas, mas principalmente de afeto e atenção. A ausência dos pais causa consequências emocionais, que podem ficar *adormecidas* por muito tempo, mas perpassam a vida, e podem ser ativadas em algum outro momento da vida podendo trazer inúmeros problemas. Entretanto, isso pode ser evitado se os pais estiverem atentos às necessidades afetivas da criança, de acordo com a fase de vida em que ela se encontra, pois temos consciência de que cada criança recebe os ensinamentos de maneira diferente. Por isso, é importante educar cada criança respeitando sua individualidade.

A educação dos filhos precisa estar alicerçada no amor a Deus, e assim as crianças aprenderão, por meio do exemplo dos pais, a amar a Deus também. No entanto, para que isso aconteça, a presença do pai e da mãe na vida da criança é indispensável. Não uma presença ativa durante as 24 horas do dia, mas procurar ter momentos do dia em que a presença seja ativa, além de também programar atividades conjuntas, seja com a família toda, ou com um ou outro membro da família, para que os vínculos sejam reforçados.

Os pais recebem a tarefa de estar pontuando e lembrando as palavras e leis de Deus na vida dos filhos. Isso quer dizer que eles precisam estar tão afiados nas palavras de Deus, ser um exemplo de vida o tempo todo, para que façam essas palavras e esse modo de vida penetrar na vida de seus filhos. E para que isso realmente venha a acontecer é imprescindível o diálogo sobre acontecimentos do cotidiano dos filhos, sobre as mais diversas situações que os filhos passam na escola ou brincando com amigos. Se esse interesse pela vida e pelos acontecimentos na vida dos filhos for impresso desde cedo, ou seja, se desde quando os filhos são muito pequenos, os pais já perguntam e se importam com aquilo que acontece no dia-a-dia deles, quando estes chegarem à adolescência, o diálogo, apesar de

sofrer modificações, não irá acabar, e os filhos terão confiança nos pais, pois sabem que estes se preocupam com eles.

Procurar levar os filhos para dormir, orar com eles, abençoá-los antes de dormir, ou, antes de sair de casa, são atitudes que fazem diferença na vida deles. Estabelecer um tempo, seja uma vez a cada duas semanas, ou mesmo uma vez por mês, para sair com os filhos, brincar com eles ou criar um hobby no qual pai e filhos possam se divertir é de extrema importância e são momentos que irão ficar gravados na memória dos filhos. Conversar sobre questões de fé, admirar e falar sobre a bela Criação de Deus quando estiverem viajando, chamar a atenção para as ações do ser humano que não cuida devidamente da Criação de Deus e o porquê disso acontecer.

Em todo o tempo, em todo o lugar, os pais são observados por seus filhos nas suas atitudes. Ser um bom exemplo, portanto, é fundamental na educação tanto religiosa quanto geral dos filhos.

V. CONCLUSÃO

Concluimos este trabalho monográfico tendo em vista que o assunto aqui abordado é extremamente amplo, e de maneira nenhuma foi completado.

É um assunto relevante para a sociedade atual. A ausência paterna é uma realidade que não podemos negar, mas é algo que já vem acontecendo há várias gerações, em decorrência da sociedade patriarcal e machista na qual se vivia. Com a revolução feminista, houve avanços em relação à valorização da mulher, mas isso não significa que trouxe bons resultados para a família. Ao contrário, o

que acontece é a ausência da mãe também dentro do lar, deixando os filhos aos cuidados de terceiros.

Já o texto bíblico de Dt 6.4-9 nos aponta para outra realidade. Apesar de Israel também estar dentro de uma sociedade patriarcal, e a educação dos filhos ser um tanto quanto *dividida* por gêneros, o que também não seria o ideal, havia ali a importância e o papel do pai e da mãe na educação, não havendo cogitação de ausência, a não ser em casos de crianças órfãs, que ainda é outro assunto amplo que poderia ser abordado.

No entanto, a realidade atual retrata certo descuido e novamente uma terceirização da educação dos filhos. Apesar de já haver casos de conscientização da importância dos dois papéis na educação de filhos, isso ainda não chega a ser um número expressivo.

O texto bíblico destaca a importância do exemplo dos pais para que os filhos aprendam a amar a Deus. Sabemos que aquilo que as crianças aprendem raramente esquecem. Isso se refere tanto a comportamentos morais, mas também com relação à fé. E o ensinar da fé e do amor a Deus deve partir dos pais, do pai e da mãe, e não somente da igreja, como tem acontecido. Não somente a mãe é responsável pelo ensino religioso, mas o pai deve ser incluído. E não somente incluído, mas assumir a liderança espiritual do lar, juntamente com a esposa, desempenhando ativamente o papel para o qual foi chamado.

Assim como nos referimos na introdução deste trabalho, apesar de estarmos focalizados aqui no papel masculino, do pai dentro da família, temos a convicção de que tanto o pai como a mãe, ambos são de suma importância no desenvolvimento da criança, assim também como no ensino religioso. Isso quer dizer que não basta o pai ser exemplo do amor e da obediência a Deus, mas a mãe

também precisa ser.

Pais que desempenham seu papel de líder espiritual no lar têm mais chances de construir uma família equilibrada e centralizada no amor a Deus, e assim, ensinar seus filhos a trilhar este caminho também. Não podemos falar com absoluta certeza, até porque há outros fatores que também envolvem a construção da personalidade e autoimagem das crianças,¹³⁹ mas a pesquisa realizada em diversos países sobre jovens e o envolvimento com drogas mostra que aqueles que menos se envolvem com tais coisas são os que tiveram uma base religiosa na infância. A partir disso, podemos ter uma noção de que o papel da educação religiosa no lar é fundamental. Isso se dá não somente com relação ao envolvimento com drogas, mas em diversas áreas da vida, seja emocional, psicológica e cognitiva.

Estamos cientes também de que há muitas famílias apenas constituídas de mãe e filhos, ou só de pai e filhos, de avós e netos, tios e sobrinhos, e até mesmo de crianças em casas lares e orfanatos que são cuidados por estranhos, que a princípio são os responsáveis pelas crianças. Dessa forma, esses responsáveis pelas crianças, sejam quem for, fazem o papel de pai e mãe para eles, e precisam ser exemplos de amor e obediência a Deus para essas crianças. Em virtude do tempo e espaço, não podemos entrar em detalhes a respeito de todas essas formas de família, por isso nos detivemos aqui mais a famílias chamadas tradicionais, compostas por pai, mãe e filhos.

O pai que está presente educa seus filhos a amarem a Deus, é um exemplo a ser seguido, e constrói sua família nas bases do amor a Deus, seguindo Seu caminho, portanto, tem maiores chances de ter uma família equilibrada, estruturada e saudável. Filhos que aprendem a amar a Deus por meio do exemplo de seu pai e de sua mãe possuem

139 Cf. capítulo II deste trabalho.

o embasamento necessário para o ingresso na vida adulta, estando emocionalmente e psicologicamente bem equilibrados.

Não podemos fazer disso uma regra, pois sabemos também que há casos de pais que realmente se dedicam à educação cristã e religiosa dos filhos, mas estes se afastam da fé cristã. E nesses casos há questionamentos do por quê, apesar de tudo, os filhos estarem afastados. Infelizmente não há respostas, podemos apenas nos firmar nas promessas de Deus, ser obedientes a Ele, confiar que Ele sempre está conosco, não nos desampara e continuar rogando pela Sua misericórdia. Mesmo assim, há muitas perguntas que ficam sem respostas, pois a nossa mente e capacidade humana não compreende os caminhos do Senhor, mas podemos confiar no seu amor e na sua misericórdia, firmando-nos nas suas promessas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDEN, Robert, L. “אזת, אהב”. In: HARRIS R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1998.
- ALEXANDER, Ralph H. “שׁוֹפְרוֹת”. n: HARRIS R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1998.
- AUSTEL, Hermann J. “שׁנן, שׁמע”. In: HARRIS R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1998.
- BIAGGIO, Ângela M. Brasil. *Psicologia do Desenvolvimento*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- *BIBLEWorks*. 6. Copyright 2001, LLC – Bíblia eletrônica.
- BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. A. T. Deuterônômio. Português. 1999. *Deuterônômio*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA DE ESTUDO NVI. A. T. Deuterônômio. Português. 2003. *Deuterônômio*. Organizador geral: Kenneth Barker, São Paulo: Vida, 2003.

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. A. T. Deuteronômio. Português. 1985. *Deuteronômio*. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional; Paulus, 1985.
- BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. A. T. Deuteronômio. Hebraico. 1997. *Deuteronômio*. 5ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- BRAULIK, Georg. “O Livro do Deuteronômio”. In: ZENGER, Erich e et. al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- CETINA, Edesio Sánchez. A Família educadora da fé. In: *Casamento e Família: uma abordagem Bíblica e Teológica*. 2. ed. Viçosa: Ultimato, 2003.
- CHAMPLIN, R. N. *Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo*. Vol. 2; 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.
- COPPES, Leonard J. “קָשׁוּר, קָדוֹם, הַלֵּךְ”. In: HARRIS R. L; ARCHER JR, G. L; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1998.
- CRABB, Larry. *De Dentro para Fora*. Minas Gerais: Betânia, 1992.
- DALFERTH, Silfredo Bernardo. *Hospitalidade Eucarística*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- D’ELIA, Tatiana Charpinel Pereira. *Mulher, maternidade e trabalho: dilemas contemporâneos*. Disponível em:
<http://www2.dbd.pucrio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0710435_09_Indice.html>. Acesso em: 9/8/2009.
- DREHMER, Darci (editor); SCHÜLER, Arnaldo (trad.). *Livro de Concórdia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, Canoas: Ulbra, Porto Alegre: Concórdia, 2006.
- ELDREDGE, John. *Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- FRAAS, Hans-Jürgen. Crer e aprender. In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, Vol. 34, n. 2, 1994.
- FREITAS, Waglânia de M. F. e et al. *Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor*. Disponível em:
<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102009000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07/10/2009.
- GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. *Mulher e Homem*. São Leopoldo: Sinodal, 1981.
- GERTZ, Jan Chr.; Die Literatur des Alten Testaments, in: GERTZ, Jan (Ed.). *Grundinformation Altes Testament*. 3. ed.. Eine Arbeitsgemeinschaft der Verlage.
- GESENIUS, Wilhelm. „שָׁקוּ”. In: *Hebräisch und Aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament*. 17. Ed.. Berlin; Göttingen; Heidelberg: Walter de Gruyter, 1962.
- <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL735317-15605,00.html>>. Acesso em: 8 ago. 2009.
- JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. *Theologisches Handwörterbuch zum AT*. Vol. 1 u. 2. Chr. Kaiser Verlag München; Theologischer Verlag Zürich, 1984.
- JULIEN, Philippe. *A Função do Pai. Uma leitura de Lacan*. Disponível em:
<<http://www.adital.org.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=34408>>. Acesso em: 01/9/2009.
- KAISER, Walter C. קָשׁוּר, יֵשׁבִי In: HARRIS R. L; ARCHER JR, G. L; WALTKE,

- B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- KIRSCH, Dieter. *Crise do masculino: análise e perspectivas de solução*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em aconselhamento e psicologia familiar. Aconselhamento familiar)- Instituto Ecumênico de pós-graduação em Teologia, São Leopoldo, 2002.
- KOEHLER, L.; BAUMGARTEN, W. *Lexikon in Veteris Testamenti Libr*. Ed. Leiden, 1985.
- LAMPARTER, Helmut. *Der Aufruf zum Gehorsam. Das fünfte Buch Mose*. Stuttgart: Calwer Verlag, 1977.
- MACKINTOSH, C. H. *Gedanken zum 5. Buch Mose*. 12. Auflage, 1974.
- McDOWELL, Josh. *Construindo uma nova imagem pessoal*. São Paulo: Candeira, 1986.
- MILGROM, J. „מִדְּבָרֵי“. In: BOTTERWICK, G. J.; RINGGREN, H. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*. Vol.4 Stuttgart; Berlin; Mainz; Köln: Verlag W. Kholhammer, 1984.
- MORLEY, Patrick M. *O Homem de Hoje*. São Paulo: Mundo Cristão, 1992.
- PALMER, F. H. “amor”. In: DOUGLAS, J. D. (org.) *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- PAYNE, D. F. “educação”. In: DOUGLAS, J. D. (org.) *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- POLLACK, William. *Meninos de verdade: conflitos e desafios na educação de filhos homens*. 2. ed. São Paulo: Alegro, 1999.
- RICHARDS, Lawrence O. *Guia do Leitor da Bíblia: uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- SANCHEZ, Zila van der Meer. *As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas: a experiência de grupos católicos, protestantes e espíritas*. Tese (Doutorado em Psicobiologia)-Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/TCC/As%20pr%C3%A1ticas%20religiosas%20atuando.PDF>>. Acesso em: 15/10/2009.
- SANTOS, Cleydemir de Oliveira. *Escola Bíblica Dominical: Lugar de criança conhecer a Deus?* Disponível em: <http://www.cppc.org.br>. Acesso em: 27 jul 2009.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga Schmiedt. *Imagens da família*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHREUR, Jack & Jerry. *Pais e Filhas*. Niterói: Textus, 2000.
- THIEL, Winfried. *A Sociedade de Israel na Época Pré-Estatal*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas. 1993.
- THOMPSON, J. A. *Deuteronômio: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida

Nova, 2006.

- TIBA, Içami. *Disciplina, limite na medida certa*. São Paulo: Editora Gente, 1996.
- TIBA, Içami. *O executivo & sua família: o sucesso dos pais não garante a felicidade dos filhos*. São Paulo: Editora Gente, 1998.
- TIBA, Içami. *Quem Ama, Educa!* São Paulo: Editora Gente, 2002.
- TIBA, Içami. *Religião se aprende com a prática dos pais*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/colunas/icami_tiba/ult6425u26.jhtm>. Acesso em: 15/10/2009.
- VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.
- WALTKE, Bruce K. “אָבִי”. In: HARRIS R. L; ARCHER JR, G. L; WALTKE, B.K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1998.
- WERNER, Roland. *Erziehung im Alten Testament*. Disponível em: <<http://www.hausarbeiten.de/faecher/vorschau/98403.html>>.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983.